Década de guerra deixa legado turbulento

Apesar de EUA terem decretado saída do Iraque e do Afeganistão, conflitos pós-11/9 ainda devem provocar mais mortes

Cenário regional traz novos desafios, como a escolha dos futuros governos e a ascensão econômica da China

IGOR GIELOW
ENVIADO ESPECIAL AOS EUA, AFEGANISTÃO, PAQUISTÃO E IRAQUE

Em uma semana, feixes de luz irão recriar nos céus de Nova York dois espectros para finalizar as celebrações em memória da queda das Torres Gêmeas.

Será o fim simbólico também da década de guerra que sucedeu os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, ainda que, na prática, o conflito já tenha tido seu fim decretado —e, paradoxalmente, muito sangue ainda vá ser derramado por sua conta.

Explica-se. A crise econômica, iniciada em 2008 e com desenvolvimentos graves em curso, colocou o Ocidente todo em xeque sobre a conveniência de manter a prioridade no conflito.

Quem tentou fazer o balanço mais preciso dos custos, um grupo da Universidade Brown (EUA), chegou a US$ 4 trilhões nas guerras do 11 de Setembro, incluindo aí a invasão do Iraque, que de todo modo nunca teve nada a ver com a Al Qaeda.

Assim, não é casual a desconfiança de todo analista paquistanês sobre o "timing" da operação americana que matou Osama bin Laden, o pai do 11 de Setembro, em seu país no dia 1º de maio.

Com ou sem teorias conspiratórias, o governo de Barack Obama pôde completar seu movimento de desembarque da política militarista de George W. Bush.

Se você visita o bairro de Sadr City, em Bagdá, entende que a diminuição relativa da violência no Iraque tem mais a ver com ordens das milícias xiitas do que com o aumento temporário de tropas.

Isso importa pouco: a retirada foi anunciada, e os talvez 20 mil soldados que ficarão depois de dezembro serão chamados de "força de auxílio" ou algo assim.

O mesmo ocorreu no Afeganistão após a morte de Bin Laden. Obama decidiu acelerar a retirada dos 100 mil soldados, que deverão sair até 2014 —com uma força "auxiliar" encastelada em bases.

"O Taleban poderá cantar vitória", diz o analista afegão Hanoor Mir. Em uma mensagem por e-mail enviada à **Folha**, o Taleban afirma que "a guerra foi ganha" e que "não aceitarão bases americanas".

Mas para o público ocidental cansado, o que interessa é a noção de que "o terror foi derrotado" que a morte de Bin Laden gerou —e, de fato, os EUA não sofreram ataques grandes de 2001 até hoje, noção frágil, naturalmente.

Ficam no caminho os 225 mil mortos, entre civis e combatentes, apontados no mesmo estudo da Brown. Ou os 8 milhões de refugiados.

E um manancial de problemas. No Iraque e no Afeganistão, há dúvidas sérias sobre quem ficará no poder.

No primeiro caso, o premiê Nuri al Maliki está perdendo sustentação política. No segundo, o presidente Hamid Karzai é hoje refém de si próprio, fechado em seu palácio, sem apoio e vendo um Taleban crescentemente forte.

E há o Paquistão instável. E também toda a nova realidade geopolítica com a ascensão da China, a ameaça do Irã e outros fatores.

Esse é o legado daquilo que talvez seja chamado de "Guerra dos Dez Anos".

O TABULEIRO GEOPOLÍTICO DEPOIS DE DEZ ANOS DE GUERRA

EUA

O QUE FIZERAM
Começaram duas guerras: no Afeganistão, como resposta aos ataques de 11/9 , e no Iraque, contra a ameaça inexistente de armas de destruição em massa

OS ERROS
Afeganistão e Iraque seguem em guerra e sem previsão de estabilização duradoura. Mais de 200 mil pessoas, entre militares e civis, já morreram nos conflitos

O QUE NÃO CONTARAM
Invasão do Iraque era mistura de interesse econômico, contraposição militar ao crescimento do Irã e vingança pessoal de Bush filho. No Afeganistão, havia o interesse nos futuros gasodutos

OS ACERTOS
No Afeganistão, tiraram o Taleban do poder e mataram Osama bin Laden este ano. No Iraque, derrubaram Saddam Hussein e reativaram a indústria petrolífera

Israel e territórios palestinos

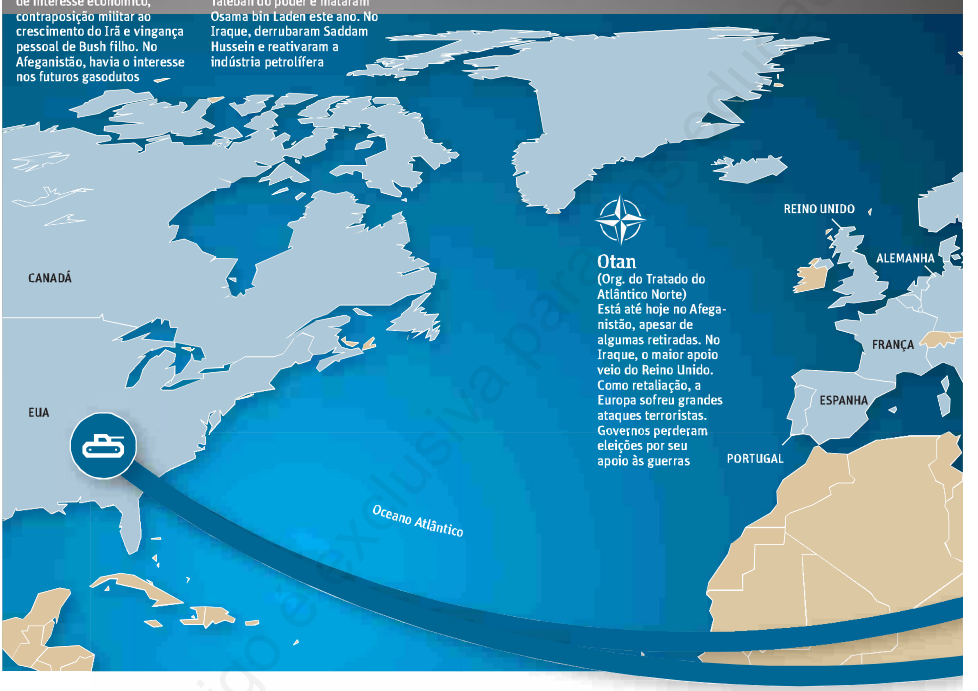
Com atenção dos EUA desviada, países mantiveram impasse, com o reforço de posições mais duras em Tel Aviv e a tentativa frustrada de união entre palestinos. Voto na ONU sobre o possível Estado palestino gera mais incertezas

Iraque

Sem Saddam, entrou em uma violenta guerra entre xiitas (maioria) e sunitas. Apesar do aparente sucesso, EUA viram o rival Irã dominar milícias radicais. Exército foi reconstruído, mas há dúvidas sobre sua força. Governo é fraco e fracionado

Irã

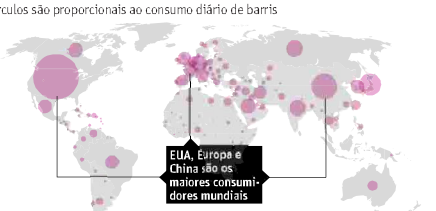
Teocracia aumentou sua influência em meio a disputas internas. Enquanto ganha tempo para fazer sua bomba atômica, o país viu reduzida, por ora, a chance de uma intervenção militar contra si. Reforçou influência sobre parte do Afeganistão



Otan
(Org. do Tratado do Atlântico Norte)
Está até hoje no Afeganistão, apesar de algumas retiradas. No Iraque, o maior apoio veio do Reino Unido. Como retaliação, a Europa sofreu grandes ataques terroristas. Governos perderam eleições por seu apoio às guerras

PRODUÇÃO DE PETRÓLEO NO MUNDO
Os círculos são proporcionais à produção diária de barris

CONSUMO DE PETRÓLEO NO MUNDO
Os círculos são proporcionais ao consumo diário de barris



'Nos EUA, se você se chama Muhammad, é uma fonte de terrorismo'

Comunidade árabe reclama de preconceito em Nova York, mas diz que em outros locais situação é ainda pior

ÁLVARO FAGUNDES
DE NOVA YORK

A situação dos imigrantes na Nova York após o 11 de Setembro tem piorado recentemente, mas ainda assim é melhor que no restante dos Estados Unidos, segundo especialistas que têm contato com diversas comunidades.

"Comparando com as cidades do Meio-Oeste [região que inclui Estados como Nebraska e Wisconsin], nós estamos muito mais confortáveis aqui", diz o palestino Ahmad Jaber, presidente da Associação Árabe-Americana de Nova York.

Por confortável, explica Jaber, entenda-se que há mais aceitação e entendimento na cidade e menos discriminação e violência.

Ainda que diga que Nova York, pela sua diversidade, não represente os EUA ("é como se fosse as Nações Unidas"), o dirigente ressalta que a situação para a comunidade muçulmana piorou na cidade nos últimos dois anos, depois de um período anterior de melhora nas relações.

Para ele, a explicação é política, com os republicanos usando o islã como "bode expiatório".

"Eles passaram a atacar o islã como inimigo para derrotar os democratas."

A consequência, diz Jaber, é que as pessoas não são mais tão próximas, tomam mais cuidado com o que dizem e fazem, se tornaram mais desconfiadas.

Segundo ele, dez anos depois dos ataques, o governo continua a considerar que, "se você se chama Muhammad ou Yusef, é uma fonte potencial de terrorismo".

A nova-iorquina Marcia Kannry, presidente do Dialogue Project (organização que visa auxiliar na integração do imigrante), também ressalta a diferença da cidade em relação ao resto dos EUA, mas diz que há um forte ressentimento contra o estrangeiro, especialmente o trabalhador ilegal.

> **Os republicanos passaram a atacar o islã para derrotar os democratas**

> **Comparando com as cidades do Meio-Oeste, nós estamos muito mais confortáveis aqui**
>
> AHMAD JABER, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ÁRABE-AMERICANA DE NOVA YORK.

De acordo com ela, uma das mudanças que houve após o 11 de Setembro é que muito do preconceito ficou mais escondido.

"Eu conheço uma mulher de um bairro que é tradicionalmente formado por italianos, noruegueses e irlandeses e que disse que saiu de lá porque o lugar decaiu depois que 'eles' chegaram. Eu perguntava quem eram 'eles', e ela confundia árabes com muçulmanos. Ela era claramente uma racista."

Já o rabino Serge Lippe, da sinagoga Brooklyn Heights (que tem um trabalho conjunto com a comunidade islâmica), acha que, nos últimos dez anos, os moradores de Nova York passaram a dar maior valor para a diversidade cultural.

Ele afirma que, ainda que o conhecimento delas não seja muito, as pessoas estão mais abertas a perguntar e mais interessadas em conhecer sobre diferentes culturas. "Estão menos indiferentes", afirma.

CENSO

O Censo americano não permite concluir se houve um crescimento da comunidade árabe em Nova York nos últimos anos, já que não faz essa distinção na pesquisa.

De acordo com o mais recente levantamento, feito no ano passado, as fatias hispânica e asiática aumentaram a sua presença na população nova-iorquina em relação a 2000 —representam, juntas, 42% do total. Já brancos e negros perderam participação no bolo.

Afeganistão
Teve melhoras, mas segue violento. O Taleban pode clamar uma vitória estratégica, já que segue ativo e em posição de força com a perspectiva da retirada americana. Horizonte político é desolador, e país voltou a ser o maior produtor de heroína e haxixe do mundo

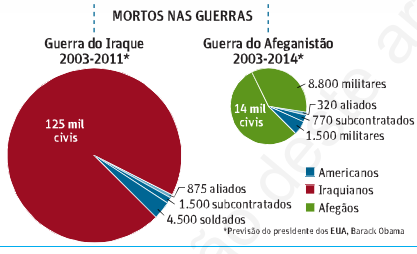
Paquistão
Recebeu dinheiro para permitir passagem dos EUA pelo seu território. Relutantemente, combateu seus próprios radicais, mas continua a apoiar o Taleban afegão. Regime militar caiu por falta de apoio. Aproximou-se mais da China, para posicionar-se contra a rival Índia

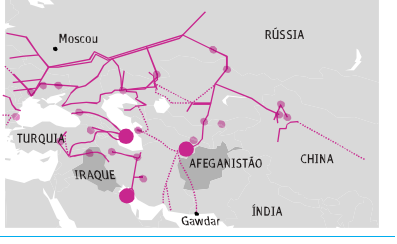
Índia
Estabeleceu-se como grande potência econômica emergente, apesar da pobreza, e reforçou suas capacidades militares. Rixa com o Paquistão ainda pode evoluir para uma guerra, apesar de os EUA atuarem como poder moderador

Rússia
Viu aumento da violência no Cáucaso, por conta do influxo de heroína vinda do Afeganistão. Houve vários ataques terroristas islâmicos, inspirados pelo intercâmbio entre grupos locais e a Al Qaeda. Travou guerra com a Geórgia para evitar, entre outros motivos, união à Otan

Ásia Central
O Uzbequistão ganhou com a cessão temporária de bases para os EUA. O Turcomenistão, rico em gás natural, é cortejado pelo Ocidente para escoar seu produto pelo oceano Índico ou por gasoduto que atravessasse o Cáucaso, driblando o controle russo

China
Viu sua economia crescer durante os anos de guerra, sofisticando sua capacidade militar. Hoje é o principal financiador do débito americano, e ganhou terreno comercial no mundo todo. Aliou-se ao Paquistão de forma mais incisiva, contrabalançando a aproximação de EUA e Índia





Reintegração de radicais à sociedade afegã patina

Estratégia é vendida como caminho à paz

DO ENVIADO AO AFEGANISTÃO

Vendido ao Ocidente como uma solução para a questão da reintegração dos talebans à sociedade afegã, o Alto Conselho da Paz patina.

Formado em novembro de 2010, como resultado de uma jirga (assembleia) para a pacificação afegã, o conselho tem 1.600 membros e está instalado em 29 das 34 províncias do Afeganistão.

A ideia não parece disparatada: shuras (conselhos locais) entram em contato com talebans e oferecem compensações (emprego, terra e dinheiro) para depor armas.

"Mas, se há 35 mil talebans no país, quando você oferece dinheiro, eles viram 5 milhões", diz um dos principais membros do Conselho, Arsala Rahmani, 75, que foi ministro do Taleban.

Um dos idealizadores do conselho e seu consultor-chefe, Mohammed Ismail Qasemiar, 72, é mais otimista. "Conseguimos que 2.000 talebans se entregassem. Mas é difícil explicar para os pobres por que estamos dando dinheiro aos violentos."

O desemprego afegão está na casa dos 35%, e o PIB per capita é de US$ 900 anuais, tornando os US$ 220 prometidos como emprego mensal aos ex-talebans um grande insulto para muitos.

O conselho teve uma dotação inicial de US$ 2,8 milhões, parte oriunda de recursos afegãos, parte de estrangeiros. "Em muitas províncias o governador colocou amigos no conselho local, ou gente corrupta, mas isso será revisado", diz Qasemiar.

Abdul Mobin Tawakalzai, líder da shura de Saroubi (leste afegão), é, por exemplo, acusado de desvio de dinheiro. "Isso não aconteceu. Temos gastos extraordinários, porque a shura toda tem 50 membros", justifica.

Mas o Taleban não parece animado com a iniciativa. Em um e-mail enviado à **Folha** por meio de um intermediário em Cabul, o comando do Taleban afirmou que só aceita negociar com o atual governo se não houver mais tropas estrangeiras no país.

O texto é idêntico a um comunicado do seu líder, o mulá Mohammed Omar, divulgado na semana passada. O grupo diz que "a guerra está ganha". **(IGOR GIELOW)**

Paquistão financia atividades do Taleban

Ex-comandantes do grupo confirmam acusação à **Folha**; remuneração inclui bônus para ataques espetaculares

Governo afegão não cumpre promessa de recompensar com emprego os talebans que se entregarem

DO ENVIADO AO AFEGANISTÃO

Membros do serviço secreto do Paquistão são os principais financiadores de atividades do Taleban no Afeganistão, pagando salários e bônus de quase R$ 1.300 para os comandantes locais em caso de ataques espetaculares bem-sucedidos.

A acusação é corrente entre políticos e analistas ocidentais e afegãos, e sempre negada de maneira não muito enfática em Islamabad. Mas a **Folha** a ouviu na fonte, entrevistando dois comandantes talebans que se entregaram no leste do Afeganistão no fim de julho.

"Recebi US$ 800 (R$ 1.280) após destruirmos quatro caminhões-tanque que levavam combustível para os americanos. O pagamento meu superior, o mulá Hazrat, pegou com o ISI em Peshawar", disse Ali Shawali, 40.

ISI é a sigla do principal serviço secreto paquistanês, e Peshawar é a principal cidade das áreas tribais do país vizinho.

Shawali e Yari Mohammad, 35, entregaram-se às forças do governo em Saroubi, vila estratégica que fica entre Cabul e Jalalabad, maior cidade do leste afegão. O local ganhou notoriedade em 2001, quando quatro jornalistas que viajavam para escrever sobre a queda do Taleban do poder foram mortos lá.

"Eu me uni ao Taleban há três anos porque era contra os americanos, e eles pagam bem. Mas, quando meu superior nos mandou destruir um hospital, achei que havia algo de errado", conta Mohammad, que tem os olhos azuis típicos de sua etnia, a pashai, da região de Langham.

REMUNERAÇÃO

De fato, o salário do Taleban é tentador para os padrões locais. Enquanto um governador de província ganha US$ 130 (R$ 208) mensais, cada insurgente leva US$ 320 (R$ 512).

"Era um agente que dava ao meu chefe, mas não sei se essa pessoa tinha ordens de Islamabad", conta, reforçando a visão de que o ISI não é monolítico, dificultando o indiciamento puro e simples de sua liderança, como fazem analistas ocidentais.

Mohammad entregou-se em Usbin com 23 de seus soldados ao chefe da shura (conselho) dos pashais, xeque Shahzad.

Cada um recebeu 9.000 afeganis (R$ 306) e eles estão hospedados em duas construções rudimentares de alvenaria em Saroubi, impregnadas de cheiro nauseante de lixo, mas com vista para um lago formado pelo rio Cabul.

O comandante Shawali, por sua vez, depôs armas com oito subordinados da sua tribo pashtun da região de Lakhman. "Há uns dois meses, o Exército paquistanês atacou posições nossas, aí desistimos."

Shawali não desconsidera tentar voltar ao Taleban ou a seu antigo grupo, o Hizb-i-Islami do "senhor da guerra" Gulbuddin Hekmatiar.

"Olhe à sua volta. Até a semana passada nem luz a gente tinha na casa. Isso aqui não é vida, o que essa gente vai fazer?", disse, apontando para alguns dos seus comandados no quarto.

Até aqui, o governo local não conseguiu cumprir sua promessa a esses ex-talebans de entregar um lote de terra, pagar compensação pelos fuzis entregues e arrumar um emprego que lhes pague US$ 220 (R$ 352) mensais.

"A segunda parcela de ajuda aos combatentes nós estamos pagando do nosso bolso, mas emprego? Não há emprego nem para as 22 mil pessoas que moram nessa cidade de direito", resume o governador do distrito de Saroubi, Azrat Mohammad Hakim, 60.

Saroubi é o único dos 14 distritos da província de Cabul que não teve a segurança passada para mãos afegãs — franceses dão as ordens lá. "Somos uma das portas para chegar a Cabul", diz Hakim.

Shawali tem duas filhas, e Mohammad, uma tropa de dez crianças e duas mulheres. "Eles não estão seguros nas cidades, temos que trazê-los para cá", dizem.

"Posso tentar virar agricultor, mas a verdade é que desde os dez anos eu só sei mesmo é usar um [fuzil] Kalashnikov", diz Shawali. "Agora nem isso tenho." **(IGOR GIELOW)**

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 set. 2011, Primeiro Caderno, p. A22-A23.